

## A EXPERIÊNCIA DE MOÇAMBICANOS COM EDUCOMUNICAÇÃO E COMUNICAÇÃO POPULAR EM CURITIBA<sup>1</sup>

Guilherme Carvalho (UFPR)<sup>2</sup>  
Mário Messagi Jr (UFPR)<sup>3</sup>  
Plínio Luís Pereira Lopes (UFPR)<sup>4</sup>  
Toni André Scharlau (UFPR/UEM)<sup>5</sup>

### RESUMO

Apresentamos uma análise dos trabalhos de educomunicação e comunicação popular resultantes da cooperação para intercâmbio entre a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Universidade Eduardo Mondlane (UEM), em Moçambique. A exemplo do que já ocorre no Brasil por meio do Núcleo de Comunicação e Educação Popular, busca-se estimular naquele país a discussão sobre comunicação popular e assessorar movimentos sociais e comunidades, a fim de promover a democratização dos meios de comunicação e a educação por meio do uso de ferramentas de comunicação, conforme bibliografia específica já consolidada no Brasil. Neste artigo apresentamos de que maneira o intercâmbio pode ter contribuído para que este objetivo seja cumprido, tendo como base relatos dos próprios intercambistas.

**Palavras-chave:** Intercâmbio. Brasil. Moçambique. Comunicação Popular. Democratização. Educomunicação.

### 1. INTRODUÇÃO

O Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP), programa de extensão vinculado ao curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná, criado em 2003, tem desenvolvido uma série de iniciativas que visam à promoção da educomunicação e do direito de acesso à comunicação e informação a grupos da sociedade<sup>6</sup>.

Dentre as iniciativas desenvolvidas, destaca-se a cooperação firmada entre a

---

1 Trabalho inscrito para o GT Comunicação e Educação, do VII Encontro de Pesquisa em Comunicação – ENPECOM.

<sup>2</sup> Professor doutor da UFPR, graduado em Jornalismo. Email: guilhermegdecarvalho@hotmail.com.

<sup>3</sup> Professor doutor da UFPR, graduado em Jornalismo. Email: mmessagi@gmail.com.

<sup>4</sup> Estudante de Jornalismo da UFPR. E-mail: plinio\_luis@hotmail.com.

<sup>5</sup> Professor doutor da UFPR em pós-doutorado na Universidade Eduardo Mondlane, graduado em Jornalismo. Email: toniandre@gmail.com.

<sup>6</sup> Atualmente, o NCEP conta com cinco parcerias consolidadas: Colégio Estadual Manoel Ribas, Escola Estadual Herbert de Souza (onde se desenvolvem projetos de educomunicação a partir da produção de programas de rádio-escola), Centro de Socioeducação de Fazenda Rio Grande (Cense) (onde se desenvolvem oficinas para a produção de programas em áudio), Movimento Nacional da População de Rua (MNPR) (no qual se desenvolve o jornal A Laje, voltado para a população de rua de Curitiba, por meio de iniciativas de comunicação popular) e Associação de Moradores da Vila Eldorado, onde se desenvolve jornal comunitário Folha do Sabará, um impresso local. Mais recentemente o NCEP firmou parceria com a Casa Latino-Americano (Casla), cujo objetivo é o desenvolvimento de oficinas e apoio para atividades de comunicação com o público de imigrantes atendidos.

Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Universidade Eduardo Mondlane (UEM), em 2014, cujo objetivo é garantir o desenvolvimento de projetos de educomunicação e comunicação popular em Moçambique, a partir da experiência brasileira. Sob coordenação do professor Dr. Toni André Scharlau, iniciou-se este ano um trabalho que visa a organização de atividades na área por meio da constituição do Núcleo de Educação Comunicação Social (NECS) em Maputo, capital de Moçambique.

A cooperação previa também um programa de intercâmbio que incluiu o envio de estudantes da UFPR para a UEM e vice-versa. No Brasil, os intercambistas tinham como objetivo a apreensão de práticas e de conhecimentos que pudessem contribuir para poder atuar na área em Moçambique, quando retornassem ao seu país de origem.

O objetivo geral da iniciativa seria estimular a discussão sobre comunicação popular e assessorar movimentos sociais e comunidades em Moçambique, a exemplo do que já ocorre no Brasil, a fim de promover a democratização dos meios de comunicação e a educação por meio do uso de ferramentas de comunicação, conforme bibliografia específica já consolidada no Brasil.

Neste artigo apresentamos de que maneira o intercâmbio pode ter contribuído para que este objetivo seja cumprido, tendo como base relatos dos próprios intercambistas. Apresentamos também, dados a respeito do trabalho desenvolvido tanto em Curitiba como em Maputo.

Estes escritos são resultado do trabalho desenvolvido na UFPR e na UEM e conta com financiamento da Pró-reitoria de Extensão e Cultura (Proec) da UFPR, da Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (Probem), da Fundação Araucária e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

## **2. A COOPERAÇÃO UFPR-UEM**

Em 2014 o NCEP iniciou um trabalho internacional, por meio de uma parceria entre a Universidade Federal do Paraná e a Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, Moçambique. Por meio de um compromisso de cooperação entre as instituições, o professor responsável pelo projeto Dr. Toni André Scharlau Vieira, apresentou a proposta de criar uma cultura de educomunicação naquele país, tendo como modelo o NCEP. A parceria foi viabilizada pelo programa da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) e tem o professor Doutor João Miguel, atual diretor da Escola de Comunicações e Artes, como responsável local pela pesquisa.

A fim de acelerar a implantação da proposta em Moçambique, o projeto também incluiu o intercâmbio de estudantes das duas universidades. Foram selecionadas cinco estudantes de graduação da UFPR para o desenvolvimento do projeto em Moçambique, dos cursos de jornalismo, relações públicas e pedagogia, respeitando as regras para candidatura expostas em edital. Delas, três cursam jornalismo e participaram do NCEP da UFPR por pelo menos um ano, uma cursa Relações Públicas, e uma é estudante de Pedagogia. Estes estudantes viajaram no mês de março para Moçambique e retornaram em julho de 2015.

Em contrapartida, três estudantes da Universidade Eduardo Mondlane, do curso de jornalismo da Escola de Comunicação e Artes, foram acolhidos na UFPR, entre os meses de março e junho de 2015, seguindo também um edital de seleção na instituição. Eles foram matriculados no curso da UFPR, cumprindo a grade disponível e também integraram o NCEP, participando das reuniões e das atividades propostas pelo Núcleo e em suas parcerias.

O objetivo do intercâmbio era possibilitar a troca de experiências que permitisse não apenas a implantação do projeto em Moçambique, o primeiro na área de comunicação popular e com foco em educomunicação do país, mas também a perpetuação do NECS no país africano, após o retorno da “missão” brasileira a Moçambique. No Brasil, a participação dos moçambicanos seria vista como uma experiência enriquecedora para ambas as universidades.

O intercâmbio previa a permanência de alunos no Brasil, matriculados no curso de Jornalismo da UFPR, durante um semestre letivo, de modo que pudessem cumprir os créditos necessários para o seu curso de origem na Mondlane, e também a participação deles nos projetos já em desenvolvimento no NCEP. A intenção era que estes estudantes tivessem contato com o trabalho extensionista desenvolvido em Curitiba, de modo que pudessem retornar a Moçambique compreendendo a aplicação metodológica de atividades de educomunicação e comunicação popular e que pudessem contribuir com o NECS a partir do retorno ao seu país de origem.

De outro lado, os alunos da UFPR deveriam levar seu aprendizado baseados na experiência desenvolvida no Brasil, a partir das pesquisas e da participação em projetos extensionistas, para ser aplicada no NECS.

As estudantes brasileiras chegaram a Maputo, Moçambique, capital do país e onde o projeto é desenvolvido, no final de março, e a movimentação para os trabalhos iniciou logo em seguida. O primeiro passo foi reunir os estudantes da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade Eduardo Mondlane interessados em participar do projeto e definir qual seria o sistema de avaliação e encontro do programa e o nome que ele deveria receber. Por conta da disponibilidade da maioria dos estudantes interessados, ficou estipulado que

haveria uma reunião do grupo às quartas-feiras para avaliação do programa, com os relatos de cada projeto, e também para reflexão e discussão de textos sobre educomunicação, quando fosse considerado necessário ou interessante. Além disso, outro dia da semana seria dedicado à execução dos projetos *in loco*, dependendo, neste caso, do que fosse combinado com os parceiros. O nome escolhido pela equipe foi Núcleo de Educação e Comunicação Popular (NECS), por considerar que os dois aspectos principais da educomunicação – educação e comunicação – não poderiam estar de fora do nome que identificaria o projeto.

Para esta primeira fase do projeto, as escolas da região central de Maputo foram consideradas os locais ideais para atuação do grupo, uma vez que a UEM não conta com bolsas ou auxílios para estudantes que fazem extensão universitária – o NECS é o primeiro projeto de extensão da universidade, se considerarmos os três pilares da extensão – e muitos estudantes moram longe do campus de comunicação e não têm condições, principalmente financeiras, para pagar transporte para outras áreas da cidade unicamente para desenvolver o projeto. Uma vez escolhidas as escolas da região central, os estudantes podem se deslocar a pé da ECA, que fica no centro da cidade, até os locais onde o projeto é desenvolvido.

A parceria para realização do projeto foi aprovada pela Direção de Educação da cidade de Maputo para atuar nas escolas e o sinal de interesse de três escolas. As instituições que se mostraram interessadas em desenvolver um projeto de educomunicação com seus alunos foram: Escola Secundária Francisco Mayanga e a Escola Secundária de Alto-Maé - escolas secundárias recebem alunos a partir dos 13 anos até os 18 anos, em média. Para que as escolas tomassem conhecimento da proposta, os integrantes do NECS, que conta com cerca de 15 estudantes, incluindo as intercambistas brasileiras, fizeram visitas e conversaram com diretores gerais ou diretores pedagógicos.

Desde então, o grupo vem fazendo uma série de reuniões que visam a compreensão metodológica para desenvolvimento de atividades de educomunicação e tem pensado estratégias para serem desenvolvidas nas escolas parceiras. A professora brasileira Izzy Gomes também se integrou ao projeto e vem contribuindo para o desenvolvimento das atividades.

O desenvolvimento das atividades pode ser acompanhada por meio do registro na página do projeto e das “actas” das atividades previstas na reunião do grupo. Na reunião realizada no dia 12 de agosto, por exemplo, decidiu-se o seguinte:

O grupo de televisão da Escola Secundaria da Manyanga ficou de gravar as cabeças de suas matérias no Laboratório de Telejornalismo. Para a Escola Primaria Alto-Maé, acordou-se que levaria-se um pequeno grupo de alunos para acompanharem a

edição no Indesign e participar na bricadeira Fanzine, para tal far-se-á bilhetes convidando os pais a trazerem os seus filhos. Para a rádio marcou-se a data limite para a entrega do material áudio para a edição. O grupo de jornal impresso estará nas reuniões das férias, contudo ainda há divergência no que diz respeito a hora do início da reunião. Para a participação na pesquisa do CEC criou-se uma comissão onde o Edson e o Milton seriam os que estão directamente responsáveis. Abordou-se também, a proposta de uma publicação científica que seria publicada numa revista científica. Falou-se igualmente da proposta de realização da festa do NEC'S que seria um evento aberto ao público como palestras. (ACTA, 2015)



**Imagem 1 - Reunião do NECS, na UEM, com alunos da instituição.**

Como pode ser percebido, a equipe está desenvolvendo planos de trabalho para cada escola, respeitando o que foi considerado melhor e mais viável na opinião dos diretores. Inicialmente a maior parte das sugestões incluía a execução de jornais-murais, uma vez que as escolas não contam com sistema de som para a implantação de rádio-escolas e também não têm muitos recursos com relação a câmeras ou computadores para desenvolver propostas que envolvam canais de tevês internos ou internet. No entanto, os projetos começaram a incluir outras iniciativas como a produção de fanzine e programas de áudio e vídeo, que tem como premissa a integração dos alunos das escolas aos processos de comunicação.



**Imagem 2 – Primeira edição do jornal mural produzido pelos alunos de uma escola em Maputo.**

Além da língua, as dificuldades estruturais e financeiras parecem aproximar as realidades brasileira e moçambicana. As escolas públicas dos dois países passam por dificuldades que tornam desafiadora a implantação de projetos educacionais, além das questões sociais e culturais. Problemas financeiros são comuns, segundo Peruzzo (2010), mas são superados pela capacidade de adaptação do público que é atendido pelos projetos de educação e comunicação popular, como pode ser percebido, a partir da compreensão da realidade por parte da equipe e pela capacidade de realização de outras atividades possíveis, como é o caso de um jornal mural (imagem 2).

O NECS agora começa a desenvolver artigos, baseado nas experiências desenvolvidas em Moçambique, para publicação em periódicos acadêmicos, além da realização de atividades de formação sobre a temática de educação.

Na UFPR, os moçambicanos procuraram se integrar nos projetos que estão em desenvolvimento. Inicialmente a proposta era que participassem de projetos desenvolvidos em escolas estaduais, uma vez que poderiam estar mais próximos de uma realidade que encontrariam posteriormente. Em Curitiba, eles tiveram a oportunidade de escolher o projeto ao qual gostariam de se integrar, com apenas uma condição: de que não participassem do mesmo projeto a fim de garantir uma maior amplitude de experiências que pudessem ser levadas para Maputo.

Dentre os problemas enfrentados inicialmente, estava uma greve dos professores estaduais que durou uma parte do tempo em que estiveram em Curitiba e que inviabilizou, em parte, o desenvolvimento de atividades nas escolas.

De todo modo, os intercambistas se integraram ao grupo, participando das reuniões semanais, onde são realizadas avaliações das atividades desenvolvidas em cada projeto e onde são traçados objetivos para os participantes. Além disso, eles tiveram a oportunidade de participar de uma série de atividades de formação sobre educomunicação e comunicação popular promovidas pelo NCEP, como palestras e debates a respeito do tema.

### **3. A APREENSÃO DA EDUCOMUNICAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO POPULAR**

Em que pese as diferenças culturais, a diferença de cor (considerando que a maior parte do público atendido pelo NCEP é composto por pessoas pardas ou brancas e que os moçambicanos são negros) e alguns raros entraves do sotaque (o português de Moçambique tem uma sonoridade diferente do português brasileiro, que se assemelha, para nós, ao português de Portugal, incluindo a sonoridade e alguns termos), os estudantes moçambicanos conseguiram integrar-se aos projetos, tendo contato direto com os participantes e contribuindo nas atividades desenvolvidas, conforme estabelecido nas reuniões semanais realizadas na sede do NCEP na UFPR. Em geral, o tratamento dado aos moçambicanos em nada diferenciou-se do já dispensado aos demais alunos da universidade. Assim, eles tiveram a oportunidade de participar dos projetos em condições iguais a de qualquer outro, mas, certamente, com base em uma realidade social diferente de seus país de origem, o que, em alguma medida, pode ser ainda mais enriquecedor do ponto de vista cultural, tanto para os moçambicanos, como para os grupos com os quais eles atuaram.

A estudante Cleyd Marinela integrou-se ao grupo que ajuda na produção do jornal A Laje, um projeto do NCEP em parceria com o Movimento Nacional de População de Rua (MNPR) cuja proposta é ser um veículo de comunicação produzido para e sobre a população em situação de rua, com pautas que atendam aos interesses e necessidades do grupo social.

O projeto é desenvolvido com reuniões semanais às terças-feiras na sede do MNPR, em Curitiba. Participam das reuniões membros do NCEP e alguns representantes do MNPR. Eventualmente, os membros do projeto saem a campo para fazer matérias com pessoas em situação de rua. A redação da maior parcela do conteúdo, a revisão e a diagramação do veículo é de responsabilidade do NCEP. A impressão fica a cargo de sindicatos que se revezam para imprimir a tiragem atual de mil exemplares por edição.

A experiência foi apreendida por Cleyd como uma atividade que envolve práticas profissionais, como rotinas de produção de um jornal impresso, aliadas a um trabalho conjunto dos participantes da parceria. Também é evidente em seu relato uma percepção crítica sobre a realidade, quando se refere a questões ligadas à comunicação, compreendendo esta ação como fundamental na garantia de direitos aos cidadãos.

É caso para dizer que a colaboração é uma palavra chave n'A Laje, uma vez que todo processo que vai desde a elaboração de pautas, redação, edição, diagramação e impressão depende da contribuição de todos. A Laje ensina que existe muita gente com força de vontade, para comunicar as suas necessidades, ideias, pensamentos e sentimentos através de um meio de comunicação, que só precisa do apoio de pessoas que têm as técnicas para efetivar essa vontade. (MARINELA, 2015)

A perspectiva da comunicação como exercício de cidadania, liga-se a um relação crítica aos meios de comunicação, uma vez que temas e abordagens de assuntos relacionados a pessoas em situação de rua são retratados de maneira preconceituosa ou são silenciados. Nesse sentido, os movimentos sociais têm ganhado espaço como representantes por meio de canais de comunicação que lhes permite, conforme Peruzzo (2010, p.4), serem “emissores de conteúdos próprios e de gestores autônomos de meios a serviço das ‘comunidades’”.

As atividades desenvolvidas também foram permeadas por alguns problemas, principalmente, devido à grande rotatividade dos membros do MNPR. Por estar em recuperação de dependência química e/ou alcoólica, existe a dificuldade em um membro do movimento assumir e se manter na liderança do jornal, impedindo a conquista de autonomia e gerando a necessidade da presença constante do NCEP para que o projeto perdure. Também a distribuição do impresso é uma das dificuldades, uma vez que a população de rua não tem lugar fixo e há também falta de tempo dos participantes do MNPR para ajudar na tarefa de distribuição.

O trabalho com movimentos sociais ou comunidades carentes apresenta algumas dificuldades que podem contribuir para a compreensão das limitações sobre o desenvolvimento de um projeto de educomunicação ou comunicação popular, sobretudo ao considerar as diferentes realidades entre a vida universitária e de pessoas em situação de rua. “Ele (projeto) possibilita a aplicação prática da teoria que se aprende na sala de aulas. Mas mais do que isso, ele permite que sejamos pessoas mais sensíveis e empáticas.” (MARINELA, 2015).

O estudante Orlando Maceda optou por participar do projeto desenvolvido no Centro de Socioeducação (Cense) do município de Fazenda Rio Grande, na região metropolitana de

Curitiba.

O programa acontece desde o final de 2013 dentro das dependências do Cense Fazenda Rio Grande, às quartas-feiras, com adolescentes privados de liberdade por terem cometido alguma infração e que estejam em situação de pré-externa, quando recebem “conquistas”, ou seja, atividades oferecidas de acordo com o bom comportamento ao adolescente que está há mais tempo na unidade. Esse critério foi desenvolvido pela diretoria do Cense em parceria com os membros do NCEP, de modo a respeitar o funcionamento do Centro de Socioeducação e a facilitar o trabalho dos membros do projeto.



**Imagem 3 – Orlando e Cleyd durante reunião do Ncep.**

A proposta da parceria é desenvolver um programa de rádio para ser transmitido através do sistema de som instalado dentro da unidade do Cense Fazenda Rio Grande. Para isso, o NCEP desenvolveu um cronograma básico que contempla oficinas para o contato e capacitação dos adolescentes para produção de programas radiofônicos. As oficinas geralmente contam com um momento teórico em que a equipe do NCEP dá as primeiras noções sobre o tema a ser trabalhado no dia, com posterior atividade prática realizada pelos adolescentes com auxílio dos membros do Núcleo.

Orlando destaca em seu relato o cronograma de atividades desenvolvido no Cense, demonstrando a apreensão dos procedimentos a serem adotados para a realização de um projeto como esse.

[...] informamos aos nossos educandos o que pretendíamos trabalhar com eles e o

que devíamos fazer durante o semestre. Em seguida começamos com as aulas não-técnicas, no sentido de oferecê-los conhecimentos teóricos sobre a origem e importância da rádio como meio de comunicação. Durante as duas aulas teóricas íamos pensando em aulas práticas que são as mais importantes para envolver os meninos na produção do material final, que foi o documentário “origem da música funk”. Já com Scrip produzido no final de 2014 por outros colegas dos educandos, foi mais fácil gravar os offs e montar a reportagem com as suas devidas vinhetas. O grupo Cense, que passou a contar com novos membros, ganhou mais dinâmica na elaboração dos planos de trabalho. Com isso, foi possível, enquanto editava-se o documentário Funk, criar junto aos meninos novos programas, com destaque para o programa semanal Top 10. Neste novo programa participei apenas da produção e seleção das músicas a pedido dos meninos do Centro. (MACEDA, 2015)

O programa tem como objetivo possibilitar o contato dos menores privados de liberdade com os meios de comunicação nas diferentes instâncias: reflexão, produção, edição e conscientização sobre os meios. A atividade visa tanto a formação como cidadãos, quanto para mostrar um possível caminho profissional e/ou de expressão, assim como as outras atividades oferecidas no Cense Fazenda Rio Grande. Todas as atividades desenvolvidas no programa são pensadas e trabalhadas de modo a adequar os interesses e preferências dos adolescentes com as convenções e regras básicas da produção radiofônica, procurando fomentar o diálogo igualitário e democrático entre as partes envolvidas, apropriando-se da própria realidade dos internos.

As atividades desenvolvidas no Cense procuram considerar o papel da comunicação como meio de expressão das diversas experiências humanas, partindo dos contextos nos quais estão inseridos os agentes. De acordo com Paulo Freire (1996), é justamente na juventude que isto se faz mais necessário, uma vez que o jovem está em pleno processo de autoconhecimento e de ajuste e descoberta social. O desenvolvimento de tais espaços de comunicação diminui na criança ou adolescente a noção de inferioridade de sua voz diante das vozes dos adultos, muito disseminada nos espaços de educação formal, em que o aluno é apenas receptor e não partilhador ou produtor de conhecimento.

Tornando o jovem mais ciente de seu espaço na sociedade e demonstrando seu próprio poder de transformação social, a educomunicação o instiga a se sensibilizar com as questões que afetam sua comunidade e a discutir ações que tornem melhor a vida em sociedade.

Mais do que ajudar na expressão pessoal e coletiva e ensinar um modo diferente de se relacionar com os meios de comunicação e com a sociedade, o processo forma jovens mais conscientes de seu papel na coletividade e mais proativos em relação ao seu contexto social.

O estudante Milton Langa integrou-se ao projeto desenvolvido com alunos de ensino fundamental da Escola Estadual Herbert de Souza, em São José dos Pinhais, também na

região metropolitana de Curitiba. A parceria iniciada em 2012 prevê a produção de conteúdos para uma rádio-escola. A rádio, chamada de “Geração Z”, uma referência encontrada pelos estudantes para denominar a geração que usa a tecnologia como ferramenta para domínio da linguagem, possui frequência de produção e os alunos adquirem conhecimento e domínio do processo.



**Imagem 4 – Milton durante reunião do Ncep.**

Neste tempo em que permaneceu em Curitiba, Milton participou de algumas oficinas, que incluíam os principais temas relacionados à comunicação através do rádio, como gêneros e formatos radiofônicos, texto e voz em rádio, produções de pauta e reportagem. Parte do cronograma foi comprometido pela greve, o que não impediu uma apreensão de Milton sobre a maneira de trabalhar um projeto de comunicação em escola.

Para o meu azar, quando as coisas já estavam a animar, as escolas municipais decidiram entrar em greve, porque os professores reivindicavam, no geral, melhores condições de trabalho. O projeto da rádio parou, mas não foi motivo suficiente para limitar os conhecimentos que obtive sobre a Educomunicação. Primeiro porque já tínhamos montado a base teórica do que devia ser feito. Já tinha sido feita a escolha do nome da Rádio (Rádio Geração Z), a escolha dos assuntos que seriam abordados, os textos das vinhetas, os estilos de música que iriam passar na rádio, etc. Segundo, porque participava de todas as reuniões do NCEP, na qual além de se traçar todas as estratégias de atuação nos trabalhos desenvolvidos, faz-se relato de como eram feitos os trabalhos nos outros projetos. Digo em poucas palavras que, cada encontro do Núcleo, foi uma aula para mim. Sem falar das palestras realizadas, constituíram motivos suficientes para obter conhecimentos sobre comunicação popular e comunitária. (LANGA, 2015)

Uma das questões que vem sendo debatidas com os participantes dos projetos diz respeito a questões relacionadas ao direito de acesso à informação e de comunicação. A garantia de acesso a ferramentas de comunicação para comunidades periféricas parece ser

compreendida por Milton como tarefa fundamental na construção da cidadania. “Percebi que os trabalhos sobre Educomunicação desenvolvidos pelo NCEP são de extrema importância na construção de uma sociedade reflexiva. Sociedade com uma mentalidade crítica e, sobretudo, faz o seu papel no que concerne à democratização da mídia.” (LANGA, 2015)

Nesse sentido, parece haver uma elevação do sentido de cidadania, apreendida pelo estudante, como princípio básico para a construção de sociedades com vistas a redução das desigualdades. Peruzzo (2002) identifica elementos que constroem um sentido de cidadania, incluindo princípios como os direitos sociais relativos a vida digna.

A escola onde Milton atuou localiza-se em uma região pobre, onde, em geral, as condições sociais são mais frágeis. O trabalho de comunicação relacionado à educação constrói-se com o sentido de ser

[...] mecanismo facilitador da ampliação da cidadania, uma vez que possibilita a pessoa tornar-se *sujeito* de atividades de ação comunitária e dos meios de comunicação ali forjados, o que resulta num processo educativo, sem se estar nos bancos escolares. A pessoa inserida nesse processo tende a mudar o seu modo de ver o mundo e de relacionar-se com ele. Tende a agregar novos elementos à sua cultura. (PERUZZO, 2002)

Assim, ainda que os conceitos de cidadania não estejam claros para Milton ou para os seus compatriotas, eles tiveram a oportunidade de participar de atividades nas quais puderam vivenciar modos de fazer aplicadas a situações reais, onde a comunicação pode ser compreendida não apenas como um direito, mas como processo de transformação social.

#### 4. CONCLUSÃO

O intercâmbio realizado entre estudantes da UFPR e da UEM estabelecem uma lógica diferente nas propostas de intercâmbio geralmente apresentadas aos alunos de graduação de países do hemisfério sul. Em geral, costuma-se ouvir como mais procurados para intercâmbio países como Estados Unidos e países europeus. A experiência apresentada neste artigo representa, ao mesmo tempo, uma mudança na percepção sobre aquisição cultural que compreende uma relação de semelhanças histórica entre dois países, como é o caso de Brasil e Moçambique.

Santos (2004) aponta a existência de um novo paradigma que aponta não mais de subserviência dos países do sul para com os países do norte. Segundo ele, o colonialismo imposto aos países do sul são fatores a aproximarem a relação sul-sul.

Esta nova realidade permite que se pensem paradigmas para além das realidades

europeias ou norte-americanas, justamente porque começa a consolidar uma visão de mundo mais autônoma por parte dos países ditos periféricos e que permitem a observação de semelhanças a serem observadas e analisadas para a superação das questões sociais, em boa parte resultantes do passado de violência colonial a que foram submetidos os povos do latino-americanos e africanos.

Em igual sentido, a construção de relações emancipatórias dos povos, deve ser acompanhada do abandono das lógicas dominantes, o que significa a disposição para se compreender as realidades de cada país desapegado de preconceitos e tendo a igualdade como princípio básico.

Com a constituição do NECS, em Maputo, nos moldes do que é desenvolvido pelo NCEP, em Curitiba, percebe-se que o programa tem ganhado relevância, uma vez que se constitui como modelo a ser seguido em outras instituições. O projeto, no entanto, deve ser observado à luz das diferentes realidades, o que exige um esforço ainda maior no sentido de identificar as especificidades para que se respeitem as condições em que as atividades são desenvolvidas.

## 5. REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LANGA, Milton. Relato cedido ao NCEP. 6 ago. 2015.

MACEDA, Orlando. Relato cedido ao NCEP. 6 ago. 2015.

MARINELA, Cleyd. Relato cedido ao NCEP. 6 ago. 2015.

PERUZZO, Cicilia. A Comunicação nos Movimentos Sociais: exercício de um direito humano. In: *Dialogos de la comunicación*. n. 82, Felafacs, set-dez 2010.

\_\_\_\_\_. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. In: PCLA v. 4 n. 1. São Paulo: out/nov/dez, 2002.

SANTOS, Boaventura. Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e outro. Conferência de abertura. In: **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. Coimbra: set. 2004.